

## SILÊNCIOS E SENTIDOS: O MOVIMENTO DO SISTEMA

Mônica NÓBREGA  
Universidade Federal da Paraíba

*Resumo: Este artigo discutirá o silêncio como um elemento constitutivo do jogo de sentidos da língua, a partir de duas noções básicas: a de sistema lingüístico, para Saussure e a de cadeia significante, para Lacan.*

*Palavras-chave: Lingüística – psicanálise – produção de sentidos.*

### Introdução

A tese saussuriana de que a língua é um sistema no qual os signos estabelecem entre si relações de semelhanças e diferenças, as quais Saussure deu o nome, respectivamente, de relações associativas e sintagmáticas, fornece a possibilidade de um trabalho com a produção de sentidos, pois apresenta essas relações como gerando, cada uma delas, uma certa ordem de valor.

Devido às limitações impostas pela natureza do artigo, tomaremos como pressuposta a idéia, acima delineada, de que há um movimento de produção de sentidos, em Saussure, através da sua noção de valor lingüístico, apesar de estarmos conscientes da polêmica em torno dessa questão. Remetemos, entretanto, o leitor ao livro de Simon Bouquet (2000) no qual está colocado, com toda clareza, o sistema lingüístico como gerador de valores e este movimento de valores como movimento de produção de sentidos.

Traremos, também, como ponto fundamental nesta discussão sobre o silêncio e os sentidos, o trabalho da psicanálise lacaniana com o significante, no que ele tem em comum com a

discussão da relação de valor em Saussure, que corroborará com a compreensão do que estaremos propondo, ou seja, um movimento de sentidos que tem como ponto de partida os estranhamentos que podem ser observados quando um paradigma irrompe um sintagma.

Por uma questão metodológica, tentando seguir as considerações saussurianas sobre o valor, estaremos falando, primeiro, de silêncios, gerados ora pelas relações sintagmáticas ora pelas relações associativas e, finalmente, pelo sistema lingüístico considerado na sua totalidade. Portanto, abordaremos três pontos de vista diferentes do mesmo fenômeno.

### ***Do ponto de vista dos valores in absentia: duas possibilidades de silêncio***

A diversidade, típica das relações que são estabelecidas na cadeia paradigmática, faz com que acreditemos que as relações associativas são infinitas, que por mais que tentemos, jamais as classificaremos como um todo. Ou seja, como no paradigma as possibilidades associativas não estão restritas pelo espaço (como no sintagma), não têm começo nem fim determinados, elas podem ser consideradas não apreensíveis como um todo e, dessa forma, jamais ditas, faladas, na sua totalidade. Portanto, podemos dizer que há no paradigma uma espécie de *silêncio fundador, constitutivo* da linguagem. Não um silêncio sem palavras, conforme Orlandi (1992) define o seu silêncio fundador, mas um silêncio tão cheio de palavras que é, por isto mesmo, inapreensível enquanto todo absoluto.

O absolutismo do silêncio que é gerado pelo paradigma é o de uma multiplicidade de sentidos, de uma heterogeneidade que foge ao controle do sujeito falante. Foge à constituição de *um* sentido.

Silêncio importante quando se fala de heterogeneidade constitutiva da linguagem porque podemos dizer que é exata-

mente por não poder ser apreendida como um todo que a relação paradigmática permite que outros sentidos sejam sempre possíveis. Portanto, pensamos que o silêncio fundador do paradigma, aquele que representa o excesso de palavras, é o mecanismo lingüístico que permite a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

O silêncio do paradigma, considerado “solitariamente”, é o que Saussure (1996) chama de memória da língua, tesouro onde estão guardadas as possibilidades de sentido.

O fato do silêncio gerado pelo paradigma não poder ser “falado” como um todo, ou melhor, do excesso de palavras que representa esse tipo de silêncio não permitir que um limite definitivo lhe seja imposto, tem explicação saussuriana. Senão vejamos.

A língua por ser social foge ao domínio, ao controle do sujeito falante. Enquanto virtualidade, memória, pertence à comunidade e só é utilizada “em parte” por este sujeito que também não a modifica. Podemos dizer que as relações estabelecidas no paradigma são do domínio da língua, da coletividade e que o falante, diante delas, não tem senão uma atitude passiva. É apenas no sintagma, nas relações que seguem a linearidade, que o falante tem domínio, pelo menos parcialmente já que, veremos melhor mais adiante, no sintagma o silêncio do paradigma insiste.

Esta questão lembra necessariamente uma dúvida saussuriana sobre a divisão sintagma e paradigma quanto ao fato do primeiro pertencer à fala e o segundo a língua<sup>1</sup>. Questão que ele não resolve, apenas diz que as relações do sintagma são conhecidas da língua (KOMATSU e HARRIS, 1993). De qualquer forma, importa que o sujeito, não tendo domínio completo sobre o sistema, está sempre, necessariamente, cercado por sentidos que fogem ao seu alcance, mesmo quando tenta produzir *um* sentido, na linearidade da cadeia sintagmática.

---

<sup>1</sup> Esta discussão está muito bem colocada por Simon Bouquet, no seu capítulo sobre o valor semântico (BOUQUET, 2000).

Entretanto, o paradigma não gera apenas um silêncio inapreensível como um todo. Há, nele, também, a possibilidade de um outro tipo de silêncio.

Este silêncio está ligado à idéia de sistema que também está presente no paradigma. Ou seja, as palavras se relacionam umas com as outras por semelhança e é isto que faz com que as relações no paradigma sejam consideradas, enquanto parte de um sistema, possíveis de serem (mesmo que em parte) estudadas, analisadas. Nessas relações de semelhança, podemos dizer que uma palavra contém sempre outras palavras que a ela estão ligadas e que poderiam “substituí-la”. Ou, como afirma Saussure (KOMATSU e HARRIS, *idem*) uma palavra pôde sempre evocar por associação uma série de outras palavras que lhe são semelhantes. Portanto, podemos dizer que há em toda palavra o silêncio das outras palavras que poderão a qualquer momento ser por ela evocadas.

Silêncio que, sem sombra de dúvidas, já não pertence apenas às relações paradigmáticas, mas representa o lugar do paradigma no sintagma, no processo de constituição de sentidos. Dizendo melhor, há uma escolha no paradigma que será expressa em um sintagma. Nesse caso, os valores do paradigma já não são completamente inacessíveis visto que as relações que as palavras estabelecem entre si, no sintagma, limitam a ocorrência das outras palavras, portanto estabelecem as escolhas que são possíveis, dentro do paradigma. As palavras do sintagma, nesse sentido, contêm o silêncio das outras palavras que são semelhantes a elas e que poderiam estar no seu lugar.

Assim, há pelo menos duas possibilidades de silêncio no paradigma: uma inapreensível como um todo porque formada por um excesso de palavras, por uma memória da língua, por elementos que ainda não constituem sistema e um outro, sistemático, silêncio de palavras que guardam, em si, através de relações de semelhança, possibilidades de outras palavras.

É interessante observar que nos dois casos de silêncio, ligados ao paradigma, não se trata de falta, mas de excesso de

palavras. Veremos que o movimento de silenciamento do sintagma consiste exatamente em conter este excesso.

### **Do ponto de vista dos valores *in praesentia*: o silenciamento**

Como as relações que as palavras estabelecem em um sintagma ocorrem segundo uma linha, no tempo, conforme disse Saussure (1996), com começo, meio e fim, podemos compreender que o movimento de sentido é, aí, limitador. Ou seja, é colocando limites ao “absolutismo” silencioso do paradigma, ao “excesso de palavras” que constitui seu silêncio, que o sintagma realiza a ilusão, em termos pècheuxtianos, do sujeito: ilusão do sentido único.

Portanto, conforme acabamos de ver, no sintagma, o silêncio gerado pelo paradigma, o constitutivo, passou a ter outro aspecto, isto é, o de estar presente, de forma condensada, nas palavras, mas, ao mesmo tempo, ausente. Palavras que são silenciadas para que se possa “fazer sentidos”. A função principal do sintagma, na constituição dos sentidos, então, é a de silenciar o excesso de palavras do paradigma, silenciar a heterogeneidade constitutiva.

Podemos dizer, pois, que o movimento de silenciamento do sintagma faz com que nele as palavras apareçam como se estivessem desde sempre naquele lugar. Impressão do sentido único.

Pensem, então, no sistema lingüístico como um todo e, nele, no funcionamento do silêncio.

### **Do ponto de vista do sistema: silêncios e sentidos**

Retomemos um pouco o ponto de partida de Saussure nas suas aulas do terceiro curso, nas quais discorreu sobre valor lingüístico. Lembremos que ele começa falando ao seu auditório sobre a lingüística sincrônica e sobre uma de suas grandes dificuldades, ou seja, a questão da delimitação das unidades.

Segundo o que vimos, com base nas anotações de aula de Constantin (KOMATSU e HARRIS, idem), Saussure enfatiza a necessidade de que para determinar as unidades é preciso partir do sistema, pois um elemento só pode ser considerado elemento lingüístico se estiver em relação com outros elementos, tanto associativa quanto sintagmaticamente.

Ora, vimos que as relações paradigmáticas podem ser compreendidas como constituídas por dois tipos de silêncio: constitutivo e sistêmico e que apenas este último, por sua vez, pode ser “susceptível” de ser analisado, mesmo que em parte. Mais ainda, que este último silêncio do paradigma depende, para ser caracterizado, do silenciamento sintagmático. Então, entendemos que a primeira coisa a ser colocada com relação ao sistema lingüístico, “de onde se deve partir”, é que não há como partir senão da relação sintagmática. Do que está posto, produzido pelo falante. Da cadeia linear.

Entretanto, outra questão se coloca e ela provém das relações paradigmáticas e dos silêncios nela produzidos. Se pensarmos que há um paradigma presente na linearidade do sintagma, ou melhor, que toda palavra guarda uma série associativa a ela relacionada, mesmo que momentaneamente silenciada pela linearidade espacial do sintagma, seria, então, o caso de procurar em todas as palavras do sintagma suas possíveis substitutas? Pensamos que não.

Se há sempre um paradigma, como dissemos, que insiste no sintagma e que persiste apesar da limitação que lhe é imposta, é possível que ele em alguns momentos da produção do falante irrompa na cadeia linear e se faça presente, quebrando exatamente a principal função do sintagma: a de silenciar os “outros” sentidos presentes no paradigma. E é nestes momentos, nos quais a linearidade do paradigma é quebrada, que o analista pode atuar, verificando toda uma série de possibilidades de outros sentidos.

Compreendemos que é aqui que a psicanálise lacaniana pode unir-se às noções saussurianas trabalhadas, auxiliando na busca da compreensão de uma língua que, funcionando como um sistema que produz sentidos, apresenta movimentos de homogeneidade e heterogeneidade como constitutivas do jogo de produção de sentidos. Lacan (1999) define o discurso como um “falar para nada dizer”. Podemos agora pensar que este movimento reflete exatamente a constituição do sentido na sua linearidade, ou seja, o sentido que está presente no sintagma. O que Lacan chama, então, de linha do discurso poderia ser por nós compreendida como a linha na qual a heterogeneidade, o “excesso de palavras” é contido para que se produza um sentido.

Então, o sintagma nada mais revela do que a obviedade do jogo de sentidos. Não é dessa obviedade que devemos nos ocupar para compreendermos o sistema, os sentidos. Ou melhor, devemos nos ocupar do sintagma apenas como ponto de partida para nele encontrarmos os pontos de fuga, os lapsos, as rupturas, as quebras da linearidade que permitirão que se possa recuperar algo do silêncio do paradigma.

Pensando no sistema saussuriano e no silêncio enquanto elemento do jogo de sentido nele presente, dissemos que se há sempre um paradigma silenciado no sintagma. É essa presença/ausência marcante, insistente, que faz com que por vezes o que está sendo dito “escape ao falante”, escape à linearidade e aí, então, se possa identificar um ponto de encontro entre paradigma e sintagma.

Vale lembrar que sintagma e paradigma estão sempre juntos, encontram-se sempre, mas este encontro constitutivo está silenciado na cadeia sintagmática e é, portanto, apenas quando sua linearidade é quebrada que podemos identificar, no que poderia ser uma “falha do sintagma”, a presença marcante de um silêncio que irrompe no sintagma. Silêncio, como estamos dizendo, das “outras” palavras antes condensadas “na palavra”.

Silêncio da heterogeneidade de sentidos que se faz presente “no sentido”.

Aqui, a diferença que Lacan faz entre significante e significado, se pensada em termos de sistema, ou seja, do significante enquanto ligado à cadeia linear, sintagmática, e do significado enquanto relacionado à cadeia associativa, do paradigma, traz mais uma luz à nossa questão. Vejamos, então, algo do “signo” lacaniano.

Lacan (1998) mostra como algoritmo fundador da lingüística moderna, remetendo-o a Saussure, um signo cujos elementos (significado e significante) estão separados por uma barra resistente à significação. No lugar de enfatizarmos as diferenças entre esse signo lacaniano e o signo saussuriano, gostaríamos de apontar semelhanças entre os dois, no que diz respeito à idéia de sistema.

Lacan define a relação entre os dois elementos do seu “signo” através de um “*deslizamento incessante do significado sob o significante*” (idem, p. 506). Os dois termos podem ser vistos não como elementos isolados, mas dentro de um sistema, no qual os elementos de uma cadeia estariam incessantemente deslizando sob os elementos da outra.

Ocorre que na obra citada, especificamente nas considerações sobre “a instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan (1998) coloca o significante, enquanto cadeia significante, de uma forma muito próxima ao que Saussure chama de cadeia sintagmática. Entre outras coisas, ele diz, por exemplo, que “*é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento*” (LACAN, idem, p.506). Além disso, relaciona claramente sua cadeia significante à “linearidade que Saussure considera constitutiva do discurso” (idem, ibidem). Ora, mesmo sem que Lacan o tenha dito, sabemos perfeitamente que a cadeia linear do discurso corresponde ao que Saussure chama de cadeia sintagmática.



Lacan, então, mais uma vez colocando claramente a idéia de cadeia significante como semelhante à cadeia sintagmática, diz que “*não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical por assim dizer, desse ponto*” (idem, p. 507). Não é difícil para o lingüista compreender que os contextos atestados na vertical, aos quais Lacan faz referência, podem ser aproximados da cadeia paradigmática saussuriana.

Portanto, entendemos, como dissemos acima, que o signo lacaniano traz mais uma luz à nossa questão porque fala, transportando-o para os termos saussurianos, de um paradigma que desliza incessantemente sob um sintagma. Isto quer dizer que sempre, constitutivamente, como temos dito, há paradigmas inscritos nos sintagmas, mas, ao mesmo tempo, aponta para a impossibilidade de “apreensão” desse paradigma, barrado pela cadeia linear do discurso. Entretanto, é através da “insistência” do paradigma (deslizando incessantemente sob o sintagma) que, vez por outra, acontece de ele “aparecer” abruptamente no sintagma, como são os casos de chistes analisados por Freud e, depois, por Lacan. Essa irrupção do paradigma, saindo do silêncio imposto pelo sintagma, provoca um certo estranhamento no interlocutor. Lembremos o caso da produção do chiste que tem por base o uso da palavra *familonária*.

Quando o locutor diz “eu estive sentado ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como seu igual, de uma maneira completamente *familonária*” o interlocutor espera, pela relação entre os termos na cadeia sintagmática, que ele diga “de uma maneira completamente *familiar*” e não *familonária*. É a esta quebra na linearidade da cadeia, que provoca o estranhamento por parte do interlocutor, do analista, que estamos chamando de aparecimento abrupto do paradigma. Neste momento, o movimento que estava sendo silenciado (o da presença de palavras que estabelecem uma certa relação de semelhança com a palavra usada no sintagma) transforma-se em algo presente, pontual

e é nele que começa o trabalho do analista. Trabalho que, como já dissemos, vai na direção do sintagma para o paradigma.

Resta ao analista procurar estes momentos de encontro entre sintagma e paradigma e, aí, estabelecer o valor lingüístico, a produção de sentido. Partindo do sistema, portanto, e das suas relações, como previa Saussure, chegar aos termos. Termos de um silêncio, ou seria melhor de silêncios, que nunca são definitivos, sempre fluídos, mas sempre possíveis de serem analisados, graças a sua presença silenciosa e constante na cadeia linear.

Quando um sintagma falha, o analista tem a possibilidade de abrir paradigmas, procurar “descondensar” sentidos, estabelecer ligações que estão na língua, mas que escapam ao sujeito.

Partimos, portanto, do princípio de que a língua escapa ao locutor na medida em que dizemos sempre mais do que pretendemos, do que temos consciência, e que a questão do sentido passa exatamente pelo que não está previsto, pelos momentos em que as incertezas estão postas, questão que faz uma grande ligação entre o sentido em lingüística e o sentido para a psicanálise lacaniana.

Concordamos com Normand (1990) quando diz que a questão do sentido a ser estudada deve não partir do óbvio, mas, como ela coloca, da falta de compreensão. Então, é, dentro do que estamos trabalhando, quando “falha” o sintagma que interessa à lingüística buscar explicar o sentido.

Podemos dizer que não há mistério algum para a lingüística na questão do “sentido que deu certo”. É no sentido que falha que está a chave da polissemia. É apenas aí que podemos ver a linguagem em toda sua plenitude de heterogeneidade. Isto porque a necessidade de um sentido único, quando se produz linguagem, é óbvia. Não se pode pensar em uma produção de linguagem que passe pela polissemia, ou melhor, é necessário que o sujeito tenha a ilusão de que produzirá um único sentido para que escreva ou fale. Fica, portanto, para a lingüística a tarefa difícil, mas sem sombra de dúvidas importante, de procurar no que foi dito ou escrito as marcas do que “não se quis dizer”, as marcas do que consciente ou inconscientemente, foi silenciado, mas que está ali, permanentemente, no que está sendo dito.

É nestes momentos que o analista pode recuperar algo da polissemia da linguagem, algo do paradigma.

Pensamos que é possível partir da observação da linearidade do sintagma, procurando, nele, os pontos de ruptura, pontos em relação aos quais o analista teria um certo estranhamento, já que rompem com a seqüência. A partir desse estranhamento, o analista procuraria ver, no conjunto das relações colocadas no sintagma, quais os paradigmas que poderiam ser ali colocados, procedendo, assim, à interpretação. Interpretação que buscaria no excesso de palavras que constitui o silêncio do paradigma, as palavras que poderiam “substituir” aquelas que fazem parte do estranhamento.

Poderíamos dizer que quanto mais falhas, frestas abertas no sintagma seja de que tipo forem, mais possibilidade de vislumbrar a presença do silêncio, do paradigma no sintagma.

Se compreender o silêncio é, como diz Eni Orlandi (1992), explicitar o modo pelo qual ele significa, pensamos que estamos exatamente nesta tentativa, voltados, desta vez, não mais para o discurso mas para a língua enquanto sistema.

Parece-nos, então, que o silêncio é um elemento importante dentro da preocupação em compreender um sistema lingüístico que não termina nas relações sintagmáticas, embora tenha nelas o ponto de partida para o analista. Sistema lingüístico que é, antes de tudo, sistema que produz sentidos.

## REFERÊNCIAS

- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. brasileira de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.
- KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy (Eds.). *Troisième Cours de linguistique générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin*. Oxford: Pergamon Press, 1993.

LACAN, Jacques. "A instância da letra no inconsciente". In: *Escritos*. Trad. bras. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

NORMAND, Claudine. *La quadrature du sens*, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.